

BATESON, O AUTOR DA CONTEMPORANEIDADE

ROSÂNGELA RUSSO

*Psiquiatra, Terapeuta de
Família/Casal*

*Docente do Instituto Famíliae
Ribeirão Preto*

Em comemoração aos 20 anos da NPS, retomei a leitura de antigas revistas para poder pensar qual livro estaria em falta na nossa Estante. Ao me deparar com a revista 25, que se propõe a homenagear Gregory Bateson, entrei em contato novamente com suas importantes ideias para todo o campo da terapia familiar. Voltei meus olhos para minha estante de livros e encontrei, já um pouco amarelado, com as páginas marcadas pelas incontáveis leituras, o livro: *Steps to an ecology of mind*.

Algumas perguntas me ocorreram ao reencontrar esse livro: como uma obra de tamanha importância ainda não tem sua versão na língua portuguesa? O que acontece para que uma obra dessas, cujas ideias influenciaram diversas áreas, dentre elas a psiquiatria, a terapia familiar, a física, a biologia, a religião, a antropologia, ainda não tenha conquistado seu lugar frente aos editores? O que é necessário para que isso ocorra?

Ao reler os artigos da revista que mencionei, revivi a riqueza do pensamento de Bateson. E chamou-me a atenção a variedade de profissionais que escreveram sobre o encanto e a magia que permeiam sua obra, cuja contribuição para a construção dos conceitos da Teoria Sistêmica é indiscutível.

Embora tenha vivido no início do século passado, Bateson é contemporâneo e tem uma percepção para além do seu tempo: convida-nos ao pensamento sistêmico, o que implica pensarmos **contextos, relações e processos**. Esse autor fez a diferença na minha formação profissional, na minha vida familiar, e na minha visão humanista. Fez a diferença, também, na minha forma de estar no mundo. Ele deu vida a uma maneira ecológica de pensar.

Já no editorial da Revista 25, Rosana Rapizo nos convida a revisitar o grande desafio inaugurado por Bateson: de como construir uma epistemologia que preserve nossa ecologia, que nos conecte com nosso meio e nossos semelhantes, e que desafie todo o dualismo presente em nossa forma contemporânea de viver. Compartilho com a autora que também é impossível, para mim, ler ou falar sobre Bateson sem me emocionar. Ler essa edição da revista colocou-me novamente em contato com várias vozes sobre Bateson nesta bela homenagem feita no centenário de seu nascimento. Destaco a seguir artigos inseridos na NPS de autores que escreveram sobre Bateson:

Etienne Samain, antropólogo, diz que, apesar da obra de Bateson ser ainda bastante desconhecida no mundo acadêmico, ela mostra uma visão decisiva para o século XXI. Samain oferece uma visão desse pensador em uma constante criação na descrição de estruturas que conectam e unem todos os seres vivos. Seu artigo gira em torno da pessoa e de sua obra de maneira articulada e singular. Traz a voz de Mary Catherine, filha de Bateson e Margaret Mead, que em uma síntese poética fala dos contrastes tanto físicos quanto dos ritmos diferentes de seus pais, diferença esta que fez muita diferença na vida familiar. Também nos presenteia com uma carta de cor bege clara, que Bateson enviou alguns meses antes de sua morte, respondendo para quatro estudantes (incluindo o referido autor) do mestrado em

Antropologia, em que se dizia maravilhado em saber que pessoas num outro país, em outra língua, ainda se interessavam por um livro seu (Naven) escrito há 40 anos. Penso que esta era uma das características mais marcantes de Bateson: sua capacidade de se encantar por tudo aquilo que é vivo e que se relaciona entre si.

*Carmen Pontual, psicóloga, entrevista o renomado antropólogo Gilberto Velho, que se descreve como uma das primeiras pessoas a falar sobre Bateson, o tendo citado em sua tese de doutorado em 1975. Refere-se a ele como um interlocutor importante nas primeiras fases de seu trabalho, utilizando a discussão que Bateson faz sobre *ethos* e *eidos* na junção dos aspectos cognitivos e emocionais, vendo no comportamento individual a expressão da cultura e da sociedade. Velho cita Bateson como um autor muito respeitado e um grande nome da história da antropologia.*

Estudar tais artigos é muito enriquecedor, por dois aspectos: nos mostra a presença de Bateson fora do universo da terapia familiar e nos faz entrar em contato com as ideias, o trabalho e a vida do antropólogo Gilberto Velho, nos despertando a curiosidade e a vontade de conhecer mais sobre ele.

*Helena Maffei Cruz narra, por meio de um diálogo imaginário, semelhante aos metalogos, os desdobramentos das ideias de Bateson nas áreas de terapia familiar, ecologia e em novas práticas sistêmicas. De uma maneira lúdica, desperta a curiosidade do leitor e o estimula a querer saber mais sobre as ideias de Bateson. Ao iniciar seu artigo citando o livro *Sabedoria incomum*, de Fritjof Capra, em que esse autor conta sobre como sua sabedoria foi constituída com seus interlocutores, entre eles Bateson, e de seu encantamento ao aprender com o mesmo, aponta para a complexidade do pensamento batesoniano. Ainda, em seu diálogo imaginário com Gregory, traz à tona a maneira como “aprendeu a aprender”, utilizando a voz deste pensador articulada com sua própria voz. Em alguns momentos, durante a leitura desse artigo, cujo título é “Gregory, me ensina alguma coisa?”, comeci a ler os diálogos como se Bateson não fosse um personagem, mas sim, ele mesmo respondendo. Nesse instante, recordei-me de quando Bateson fala que se a mente é imanente, a morte adquire um outro aspecto. O “eu” tão precioso, que é o indivíduo, passa a ser apenas parte de uma mente mais ampla, e a ideia do que pode ser eu, pode também ser você. Eu já não sabia mais diferenciar qual era a voz da Helena e qual era a voz de Gregory. Nesse coral polifônico, Helena conversa com diversos interlocutores, dançando entre ideias cibernéticas e construcionistas sociais; não reificando conceitos, mas sim, navegando na fluidez da linguagem como constitutiva de realidades.*

Phactuel Rego, engenheiro naval, ao escrever o artigo “Forma, Substância e Diferença”, nome homônimo de um dos mais belos e instigantes capítulos do livro de Bateson, nos presenteia com a apresentação da obra e a trajetória desse autor, percorrendo noções fundamentais da abordagem sistêmica, na exploração pelos caminhos das ciências humanas. Inicia seu artigo com a seguinte insígnia: “Para quem não conhece Bateson, uma breve apresentação. Para quem o conhece, um outro olhar.” Através do olhar do engenheiro, utilizando esquemas gráficos, o autor oferece novas visibilidades aos conceitos de Bateson.

Ao ler seu texto sobre essa conferência, que se tornou um capítulo do livro *Steps to an ecology of mind*, conecto-me com a crítica de Bateson à cultura ocidental e sua maneira fragmentada de pensar, ao dizer que: “À medida que o ser humano tem a arrogância de achar que possui a totalidade da mente, olha o mundo ao

redor como desprovido de mente e sem direito de ser tomado em conta moral e eticamente. Quem possui esta maneira de pensar e possui uma tecnologia avançada, tem a mesma probabilidade de sobrevivência que uma bola de neve no meio do inferno.”

Sua revolucionária maneira de descrever a mente foi uma tentativa bem sucedida de superar a cisão cartesiana, convidando-nos a olhar para além das divisões que separam mente e corpo, o intelecto das emoções, o si mesmo do outro. Bateson nos convida a pensar as condutas humanas como inter-relacionadas e interdependentes. Para ele, as características mentais manifestam-se em cada organismo, em cada sistema social e em cada ecossistema. Seus critérios para o conceito de mente parecem idênticos aos critérios para “vida”, e o entendimento da vida começa com o entendimento do “padrão”.

Bateson foi um autor importante para todos os estudiosos que têm participado das mudanças paradigmáticas das ciências. Embora as ideias construcionistas sociais não tenham passado por Bateson, muitas propostas terapêuticas denominadas construcionistas pelos próprios autores ou pela comunidade de terapeutas tiveram marcante influência desse pensador. Entre elas, podemos citar: os processos reflexivos de Tom Andersen, e a terapia narrativa de White e Epston. Ao integrar ideias de diversas disciplinas, o próprio Bateson tornou-se o “padrão que conecta”.

Se não podemos, ainda, ter o livro de Bateson traduzido para o português, podemos e devemos ter, em nossa estante, a edição 25 da *NPS*, que lhe presta uma boa homenagem.